

Agosto/ seto 1911

LEX

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO
N.º 01694
ARQUIVO

O 11 DE AGOSTO

ANNO IX
N.º 3



SUMÁRIO



A infancia desamparada — M. Carneiro de Mendonça.
Roma — Paulo Setubal.
Da influencia de H. Spencer na Economia Política — Rocha Lins.
Inflorescencia — J. L. Monteiro da Silva.
Corrente calamo — J. de Mello Franco.
Uma vela que passa — Ricardo Gonçalves.
Notas de um calouro — Argemiro Acajola.
O Corvo — Encydes Gomes.
Scenas e symbolos — C. de Mendonça.
Wagner — Laerte Setubal.
Jean Jaurès e o Brasil — Topsius.
Pedra — Labourão Cachetta.
Belén Sarraga.
Onze de Agosto — Justo Seabra.
Noticiário.



Collaboração exclusiva dos alumnos da Faculdade de Direito de São Paulo

COMISSÃO DE REDACÇÃO : J. O. DE LIMA PEREIRA, JOSÉ NOGUEIRA DA SILVA, EUCLYDES FERREIRA GOMES E PEDRO KRAHENBUHL.

A INFANCIA DESAMPARADA

O espirito da iniciativa privada, que, na vida das sociedades, representa uma das mais poderosas forças componentes do progresso, acaba de revelar-se de modo novo em S. Paulo com a criação do Instituto de Assistencia á Infancia.

O nobilissimo gesto da Sociedade de Medicina da capital, além de merecer, pela sua virtude altruistica, todo o apoio daquelles que não são egoistas, deve ser considerado como um passo importante em favor da obra de prevenção social contra a criminalidade, o pesadelo maximo das sociedades modernas.

Pois que, intervir na formação desses obscuros germens de elementos sociaes activos, acompanhar os desdobramentos da sua evolução na ordem organica e na ordem psychica e fiscalizar-lhes de perto as primeiras expansões no meio ambiente, ensinando, corrigindo, orientando, é cortar pela raiz as origens remotas e profundas do delicto, do vicio, da molestia e das desgraças irreparaveis.

Preoccupar-se com o presente é prevenir o futuro,—observação sedicã, que, todavia, entre nós, briga quotidianamente com o desmentido cruel dos factos. E' desencaminhar o erro; é lavar o campo para a sementeira de amanhã; é esterilizar os microbios que ameaçam contaminar o corpo social; é matar o mal em suas fontes vivas.

De todos os organismos, nenhum, com effeito, necessita ser tão bem amparado na alvorada da vida como o ente humano. A natureza, a mestra sabia e previdente, procurando fazer do homem a mais perfeita e completa das suas creações, deu-lhe um organismo de desenvolvimento mais demorado, menos rude quanto ás condições de existencia, e de contextura mais delicada; e, buscando coherencias, sujeitou ás solitudes e aos carinhos da familia o successo dessas pequeninas vidas superiores. Ella procedeu tambem com logica quando entregou a conservação das demais fórmãs da vida ás contingencias do acaso, ao Deus dará, mantendo-as sob a protecção materna por um minuto, um

dia, por mezes no maximo, apenas, porque destinou-as a um papel subalterno, secundario, na Terra.

E' que as confecções preconcebidas para os grandes fins, tanto mais complexas quanto mais elevadas, exigem processos de elaboração lentos, cheios de minucias trabalhosas e de frageis delicadezas.

Quanto ao homem, a lenta elaboração do ser nascente compete não á sociedade,—elemento corrosivo dos bons sentimentos e que contamina, fere e aniquilla,—mas a esse santuario de dedicações sem limites que se chama a familia.

Preparar os individuos, de modo a encoirar-os contra os furiosos assaltos do egoismo, na lucta quotidiana pela conquista dos bens materiaes, e a tornal-os menos duros ao trato de seus semelhantes e uteis ao meio, é acautelar os interesses da sociedade vindoura e oriental-a no sentido de sua moralidade crescente.

Assim como a palavra é o instrumento sensível do pensamento invisível, assim tambem as acções humanas são o expoente externo dos movimentos do espirito. Procede-se, portanto, segundo se sente ou se pensa. Para predispor o governo da Humanidade, informal-a para os mais altos destinos, basta agir sobre aquelle mundo (garantida a base organica, subentenda-se), já que toda a vida de relação gyra sobre estes dois grandes eixos: intelligencia e coração, ou, equivalentemente, idéas e sentimentos.

Quer isto dizer que os exemplares infantis da especie não devem crescer á livre lei da natureza, visto que habitos e vicios, uma vez adquiridos no decorrer descuidado dos primeiros annos, entranham-se tão fundamente no plasma da vida que mais tarde vêm converter os seus portadores em victimas submissas de suas tyrantias incoerciveis e de sua torça cega. Os habitos constituem uma segunda natureza, e a natureza não costuma voltar atraz, para corrigir-se.

Toda obra de educação reduz-se a isto: adaptar a creança ás acções que convêm ao seu desenvolvimento physico, intellectual e moral, impedindo que ella imite livremente e adquira tendencias más, graças aos exemplos das companhias sem regras no proceder.

Tudo consiste em tomar essa pequenina estatua virgem de impressões (de que falla Con-

dillac); reagir sobre os nascentes instinctos antisociaes, que, como forças latentes, dormem no sangue das gerações; e moldal-a, enquanto moralmente informe e maleavel, aos principios que constituem o traço dominante das existencias honradas e uteis. Depois, todo o esforço será inefficaz: já a personalidade humana delineou, em linhas immutaveis e profundas, a sua trajetoria na vida, e a obra extemporanea de educação irá esboroar-se de encontro á rocha dos costumes inveterados. Já o selvagem humano está feito e acabado, com todos os hediondos estygmas da perversão. Resta agora á sociedade, movida pelo instincto da propria garantia e com um olhar triste de descrença na sua conversão ao bem, fechar sobre esses infelizes renegados as portas eternas dos carceres, dos hospícios, dos hospitaes e de todo esse arsenal de defeza publica, destinado a receber degerados e não a regeneral-os.

(E' assim que se fórma, entre outras, a classe dos vagabundos incorrigiveis, dentre os quaes convém especializar esse producto curioso das grandes cidades — «os moços bonitos» —, profissionaes na arte complicada e mysteriosa de ganhar sem trabalhar, que se apresentam diariamente nos cafés, nos bars, nos theatros, nos saíões, se imiscuem em nossas relações, sempre trajando á ultima moda, e cuja vida, emfim, é como que um eterno ponto de interrogação para as pessoas honestas.)

Conservação social quer dizer adaptação constante das tendencias individuaes ás normas do interesse e do bem commum.

Mas, a quem incumbe esse trabalho de adaptação, essa delicadissima e escabrosa arte de esculptura do character humano?

Já o dissemos: primeiro, á familia, depois, á escola, e, finalmente, á sociedade, — vasto e perigoso campo de experiencias, onde convém penetrar-se homem, aparelhado de armas para a resistencia de todos os dias.

Nesse ponto de vista, a familia póde, pois, ser figurada como o estreito e humilde bastidor, onde a Humanidade ensaia, aprende, corrige-se, para a representação publica na grande scena do mundo.

Da familia, — primeira escola e primeiro ambiente da vida, *alma mater* das sociedades, germen primitivo do Estado, em synthese, alicerce fundamental da Humanidade inteira, — do seu nivel de moralidade, da sua cultura, da sua capacidade para a vida e da sua constituição civil, dependem, em boa parte os destinos do individuo e os destinos dos povos.

Durante certo numero de annos, ella fecha sobre a creatura as portas do mundo, e a razão manda que esta seja entregue á sociedade sómente quando tenha attingido parte da sua integração physica, moral e intellectual, para beneficio de dois: do individuo, afim de que possa resistir ás sollicitações immoraes e triumphar lealmente na lucta pela existencia; da sociedade, para que o novo socio não se lhe sáia um elemento de corrupção e de desordem.

* * *

Procurou-se tornar mais viva e intensa a luz destas considerações, para melhor resaltar,

em toda a plenitude de seu negror, a sombra que uma horrivel hypothese vem de subito projectar no espirito:

— E si á pequenina creatura faltar a familia? Si se encontrar desamparada no mundo, orphan, sem alguém que lhe prodigalize esses cuidados que só os laços do sangue podem inspirar?

A resposta não póde deixar de ser esta: ou definha e morre, ou cresce torta, deformada pela lucta precoce.

Em nome não só dos mais sagrados sentimentos de humanidade, como tambem da sua propria segurança, cabe então á sociedade intervir com toda a energia.

Cesse, pois, por momentos, o duro e imprevidente egoismo; movam-se por instantes as fibras delicadas do coração; e erga-se nos espiritos descuidosos a consciencia do perigo que se esboça, — para proteger piedosamente e para defender-se preventivamente.

Examine em torno de si o homem que vive nas grandes aggremações; analyse, reflecta, e presentirá: na leda creança que, ás soltas, brinca á porta dos movimentados cortiços; nos desgraçadinhos que de dia apregoam pelas ruas centraes e ánoite dormem na soleira das portas; nos vadios que em grupo jogam juntos aos muros e frequentam perigosas baiucas; nos marotos que injuriam os inoffensivos transeuntes nos logares publicos, e seguem em bandos os vai vens das multidões nos grandes dias, — e presentirá, alastrando-se em plena liberdade, como a herva das ruas mal cuidadas, uma germinação silenciosa dos futuros agentes do crime: o vagabundo, o hebedo, o ladrão, o criado deshonesto, o falsario, o estrupador, o desordeiro, o assassino, em uma palavra, o delicto em todas as suas multiformes manifestações, porque, entre todas, *esta é a melhor e a mais fecunda escola do delicto, o seu factor predominante.*

E' assim que elles se fazem: lá fóra, no grande e impuro ar do mundo, respirando a atmospherá pestilencial da mais baixa sociedade, — o oxygenio maldito, que vai envenenar-lhe o sangue, degenerar-lhe o organismo, embotar-lhe a intelligencia, — o roteiro da vida, — e impedir a formação do character, joia preciosa, que é o mais bello ornamento da especie humana; cá dentro, no sombrio horror desses subterraneos sociaes, na humidade fria dos abysmos, — sepulchros do corpo e do espirito, — crescendo por entre a movimentação silenciosa da miseria, com as suas mil consequencias, e guardando na consciencia endurecida, para mais tarde revivel-as num odio eterno contra tudo e contra todos, as revoltas raivosas, o rictor das maldições dos que foram acossados pela Justiça e dos que não têm pão.

E' assim que, por um lado, se aniquilam as existencias em germen, e, por outro, se preparam os elementos de perturbação e de desorganização da sociedade de amanhã.

Um vasto systema de defeza se impõem, pois; todavia pela extensão e difficuldade da obra, é preferivel auxiliar modestamente a alta iniciativa da nossa culta e humanitaria corporação de medicos, do que sonhar com grandiosos planos, incompativeis quer com os recur-

sos do nosso acanhado meio, quer com a sua lamentavel indifferença relativamente a taes assumptos.

Deveriamos encerrar aqui esta despretenciosa apreciação; mas, permitta-se-nos rapida digressão sobre materia de Direito Criminal, para mais se evidenciar a importancia da campanha aberta pela Sociedade de Medicina.

A moderna Escola de Direito Criminal Positivo, a magestosa construcção scientifica do seculo passado, depois de estudar, nas profundas investigações feitas á luz do criterio experimental, a realidade viva dos factos da vida social, da vida organica, da vida psychica e do meio physico, elevou a cathegoria de principio dominante a transcendente generalização, para nós irrefutavel, de que o phenomeno criminoso não é senão um producto de factores *biologicos* (individuaes) *physicos e sociaes* (externos).

Desta synthese luminosa e eterna, conclue-se que, si a actividade criminosa é effeito, não da vontade livre do agente, sinão de causas constantes e fataes, determinadas pelas anomalias somaticas e psychicas do individuo e pela pressão do ambiente physico e social, — para impedir o delicto, cumpre cogitar-se menos de penas, de codigos, de burocracias, de quartéis e de bayonetas, do que de substitutivos energicos, com força bastante para fulminar o mal em suas fontes geradoras.

Toda a gente comprehende esta verdade simples: que o util, o pratico, o necessario, não é reprimir o mal feito: é *prevenir* a realização do mal. Praticado o delicto, com o descredito dos codigos mais ferozes, só resta á sociedade lamentar, em certos casos, *duas cathegorias de victimas*: uma, o lesado; outra, o offensor, victima da má constituição que herdou dos seus antepassados e das tendencias que a sociedade permittiu que nelle se desenvolvessem tyrannicamente.

Cohibir o crime com a verbosa ameaça das penas é o mesmo que procurar conter os impetos aggressivos de um louco furioso com uma prelecção sobre as penas do inferno (ou coisa equivalente); ou ainda, de um modo generico, curar todas as doenças por meio de um emplastro oral de therapeutica sobre as más consequencias que as molestias, já adquiridas, acarretam ao individuo e á sociedade.

Em vez de querer violentar a ordem natural das cousas com estas estupefacientes aberrações metaphysicas assentadas no livre arbitrio, — a universal mentira, posto que sustentada em boa fé pelas consciencias illudidas, — que vinte seculos de erros, em lucta tenaz com a evolução lenta e penosa dos sentimentos e das idéas, constituem a mais tremenda das negações; em vez desses exasperos vãos de Icaro, cumpre debruçar-se sobre os phenomenos palpitantes da vida e assistir ao desdobrar das causas e dos effeitos, nos mysterios dos organismos infinitamente complicados.

Requer a lucida razão que se localize a origem das nossas acções e os seus effeitos na ordem social, não nessa abstracção phantastica que se chama alma immortal, mas na vibração cellular do systema nervoso, desse organo material é tangivel, que trabalha, se modifica e se trans-

forma, conformemente ás condições physicas do corpo (normaes ou pathologicas), do temperamento, do sexo, da idade, da educação, da alimentação, da profissão, da constituição da familia, da classe social, da temperatura, do clima, da producção agricola, das condições economicas, da organização social, da constituição politica, do grau de excitação da opinião publica, do proceder dos governos, emfim, das mil circumstancias internas, que movem o individuo, e das mil determinações do ambiente externo, que o impellem, o arrastam para a pratica do bem ou do mal.

O que move os homens é o *systhema nervoso*; mas o *systhema nervoso* é movido pelo mundo; logo a responsabilidade é uma illusão: não existe. Prende-se, pelo mesmo fundamento com que se mette uma fera na jaula e um louco no hospicio.

Assim como o individuo, de collaboração com os agentes physicos, faz o meio social, inversamente tambem este, com a ajuda daquelles, forma o individuo, concertando-o ou degenerando-o. Segundo a encantadora comparação de Lacassagne, «o ambiente social é o liquido de cultura da criminalidade; o microbio é o delinquente, isto é, um elemento que não tem importancia sinão quando encontra o liquido que o fermenta». Nada de mais verdadeiro e de mais certo.

A applicação pratica das idéas da Escola Anthologica implicaria uma profunda modificação moralizadora nas sociedades modernas. Não somos nenhum ingenuo para acreditar que ella se faça neste seculo, ou mesmo no vizinho; mas, nem por isto, devemos permittir que a praga se alastre em liberdade. Já se tem alcançado alguma cousa como obra de prevenção contra o augmento da criminalidade, e mais se conseguirá á medida que o nivel da civilização se fór elevando nos povos cultos e á proporção que as novas idéas assaltarem as legislações e amadurecerem no cerebro dos estadistas e dos órgãos dirigentes da opinião publica.

Para dirimir, tanto quanto possivel, as causas do delicto, Ferri, na actualidade a columna mais possante que sustenta o edificio do Direito Criminal Positivo, receitou uma série de substitutivos das penas, entre os quaes figuram os de *ordem educativa*. Eis a sua opinião a respeito do assumpto que nos interessa:

«A protecção á infancia abandonada é *fundamental* entre os substitutivos penaes, porque tem uma applicação vastissima sobre milhares de individuos mais especialmente predispostos ou arrastados ao delicto.

«Muitissimas causas de reatos poderiam ser suffocadas em germen, quer prevenindo-se a degeneração com o *tratamento physico da infancia*, quer prevenindo-se a perversão cuidando da *educação da infancia desamparada*, com as escolas para meninos pobres, os institutos de protecção, as colonias agricolas, auxilios ás familias dessas colonias etc., segundo e exemplo sobretudo da Inglaterra e da America (*Poor house*, para meninas, *ragged schools*, *industrial schools* etc.), em vez de se esperar que o mal tome proporções de gigante, para depois se recorrer ás represões inuteis.»

O Instituto de Assistencia á Infancia de S. Paulo inscreve em seu programma, como *idéa capital* (pelo que se lê no organ da Sociedade de Medicina) o designio de « cercar a infancia desvalida de todos os cuidados hygienicos necesarios á conservação da saúde, de modo a diminuir a mortalidade infantil, pela falta desses cuidados; proporcionar ás creanças doentes tratamento medico e cirurgico, por meio de um Dispensario e de um Hospital modelo.»

Não é pouco, e é muito, cotejando-se com o nada actual, porque, (salvo a nossa ignorancia) coisa alguma existe em favor dessa importante parcella da sociedade, que lucha já na aurora da vida, turvada pela negra miseria, que corroe o corpo e embota o espirito, e para quem os horizontes do futuro são os mais escuros e os mais incertos.

Ver-se-á que conseguir isto é já muito fazer, desde que se medite na verdade simples, mas fundamental: que o corpo é a base, a séde da vida, e salvar o organismo é concorrer para o triumpho da existencia. Um genio que resistiu á quasi ruina do physico é pharol a illuminar podridões.

Criminosa, egoista e deshumana é, pois, a sociedade que, não sabendo subtrahir-se por momentos aos exageros do luxo, dos bens materiaes e dos interesses exclusivistas, sem coração e sem consciencia de seus destinos, ou deixa morrer os seus pequeninos pares por falta de protecção, ou deixa-os crescer ás leis da vida para surgirem mais tarde como esses cardos seccos que, lançados á esterilidade das rochas, forçam os duros obstaculos e conquistam o direito á vida; mas como? desmedrados de seiva, contorcidos pela lucha, rastejantes de fraqueza, todo elle espinhos, que são as suas silenciosas ameaças contra a ingratição do meio que lhes negou o aconchego da terra fecunda.

E dignos de perpetua memoria aquelles que, inspirados nesse sublime altruismo que explica a paixão da Sciencia, os nobres ideaes e o avanço das civilizações, têm uma intelligencia de largos horizontes para prevêr, no facto actual, a significação remota das gigantescas oscillações da sociedade futura, e um coração profundo para condoer-se dos desherdados da Fortuna, dos humildes e dos pequeninos miseraveis.

S. Paulo, Agosto, 1911.

M. CARNEIRO DE MENDONÇA.

ROMA

Alme só!, possis nihil urbe Roma
Visere majus!

Roma! Dessa grandeza em que tu te elevaste,
Restam unicamente as ruínas e os escombros.
Porém esse montão de cinzas que deixaste,
E' o sumptuoso laurél de tuas glorias e assombros.

Cidade eterna! A audacia e o genio de teus filhos,
Conquistaram a terra e o pèlago profundo;
As galeras do mar temiam teus Dútilios,
E o teu nome fazia estremecer o mundo...

Nem sempre foste a Roma infame dos devassos!
A gloria circumdôu teus regios minaretes,
Quando os muros hostis voavam em pedaços,
Ao másculo estrujir de teus rijos arietes.

Nem sempre os teus varões beberam os Phalernos,
Em amphoras de prata e coroados de murta;
Asperrimos, viris, foram heróes eternos,
Do Oriente, dos Teutões, do Ponto, de Jugurtha.

Um dia, de Carthago os pendões forasteiros,
Fizeram vacillar teu imperio e tua fama;
Mas tu te alevantaste e os punicos guerreiros,
Tombaram, um a um, nas planicies de Zama.

Em longinquas regiões de rispidas muralhas,
Perlustrou, triumphante, o teu rubro estandarte;
Que sempre de teu lado, em fervidas batalhas,
Pelejava, rujindo, o teu sangrento Marte.

Tu viste no teu seio as luctas assassinas
Em que um irmão feroz trucidava outro irmão;
Mas sempre tu tiveste a par dos Catilinas,
Um Cicero divino e um limpido Catão.

A tua aguia plainou, tua aguia de victoria,
Desde o Caucaso rude ao pequenino Latio;
E quando foste grande, embalaram tua gloria
Os poemas de Virgilio e os canticos de Horacio.

Mas, como um só! que cae do céo resplandecente,
Tambem ruiu por terra esse esplendor augusto;
E tu, a Roma orgulhosa, a Roma omnipotente,
Tu vendeste em leilão a purpura de Augusto.

Aonde as tuas legiões, aonde os teus soldados?
Todo esse retinir de ferro e de esquamatas?
E nem habitam mais em teus bosques sagrados,
Os faunos sensuaes e as nymphas timoratas.

E nem adoras mais, oh Roma iconoclasta,
A Jupiter no Olimpo e nos mares Neptuno;
Nem se debatem mais, na lucha pela casta,
A falla da nobreza e o «veto» do tribuno.

Subiste alto... muito alto... ao pincar do monte,
E a vertigem da gloria allucinou tua raça.
O louro da conquista, enlaçando-te a fronte,
Amolleceu teu peito habituado á couraça.

O luxo deslumbrante e as feéricas mollezas,
Perverteram tua alma e teus brios passados:
Que o verme corroedor das grandes realezas,
Esconde-se furtivo em lhamas e brocados.

Nas palmas de tua mão o mundo sustentaste,
Como Hercules sustendo a abobáda nos hombros.
E' esse nobre montão de cinzas que deixaste,
E o sumptuoso laurél de tuas glorias e assombros.

PAULO SETUBAL.

Da influencia de H. Spencer na Economia Politica

A Sciencia Economica é uma sciencia relativamente moderna. Sómente depois dos estudos de Quesnay, é que os seus principios se foram melhor esclarecendo, tomando ordem e connexão, as suas leis se descobrindo, os factos constatados e observados pelo methodo scientifico.

Conservando-se, portanto, ignorada no periodo da historia economica que K. Büchar chama da economia *domestica*, não existindo nesse outro periodo que elle chama da economia *urbana*, no periodo da economia *nacional* ella desperta e dá signal de vida e apparece de galas no periodo moderno, que se poderia denominar da economia *internacional*.

Influencias poderosas concorreram para esses resultados.

Os systemas philosophicos que se fundaram no dominio e após o movimento scientifico que se operou na Edade Media, e através do qual parecia que o genio grego e romano dos antigos tempos rebentava e resurgia, com a magnificencia, o esplendor e a vivacidade de então, exerceram sobre a Economia Politica, como aliás sobre todas as sciencias, não pequenos influxos.

Procurando averiguar quaes destes systemas, como tambem dos systemas e doutrinas modernas, mais importancia podem apresentar para os estudos dessa sciencia, em alguns centros scientificos da Europa, por diversas vezes, se tem discutido a esse respeito.

Entre essas associações, figura *La Société d'Economie Politique*, de Paris, onde a questão foi ventilada de um modo subidamente proveitoso para os que se dedicam a estudos desta natureza.

Assim, n'uma de suas sessões, Y. Guyot teve oportunidade de levar H. Spencer a julgamento ante a sabedoria e auctoridade de seus collegas, para que elles examinassem qual a influencia que as ideias do grande sociologo tiveram sobre a Sciencia Economica.

O emerito iniciador da discussão é de parecer que ha em H. Spencer certa originalidade quando elle aborda, com a sua logica extraordinaria, as questões que se relacionam com a Economia Politica. O methodo que elle emprega, neste particular, é sempre o methodo inductivo, inducção menos larga para inducção mais larga, observando factos para dahi tirar normas e leis.

Ha, porém, quem lhe negue aquella originalidade e lhe queira attribuir ideias a *priori* de onde elle tivesse partido para constituir o seu systema.

Ora, a formula fundamental de H. Spencer é a lei do progresso. Tudo mais se lhe assenta; é como que a base do seu edificio scientifico e essa lei não é uma ideia aprioristica. Elle a surprehendeu e a cimentou na observação apurada dos factor e dos phenomenos, primeiro de ordem physica e biologica e depois de ordem social.

Antes, porém, de serem examinadas as ideias economicas de H. Spencer, convem que sejam assentadas outras ideias que com aquellas se relacionam.

Sobre o governo, H. Spencer procura sua origem na guerra; os homens se agrupam para combater os semelhantes que os atacam. Só depois da sociedade guerreira é que vem a sociedade industrial, operando-se a evolução pelas multiplas necessidades que a civilização vai estabelecendo.

Ao contrario de Hobbes, que admite a criação de direitos pelo Estado, fundado na sua formula — «cada um deve ceder do direito que naturalmente tem a tudo, pois o direito de todos a tudo significa approximadamente que ninguem tem direito a nada», elle os faz derivar das condições de existencia social, dando-lhes uma filiação historica.

Depois de A. Comte, innegavelmente foi H. Spencer quem na Sociologia mais se aprofundou e é claro que estando esta sciencia para a Economia Politica na relação logica de genero para especie, haja uma dependencia entre uma e outra.

Na classificação que das sciencias fez A. Comte, a Economia Politica figura como um grande capitulo da Sociologia e, assim sendo, deve existir uma connexão e paridade entre principios desta e daquella sciencia.

Foi justamente o que Y. Guyot procurou salientar quando traçou de uma maneira brilhante o quadro das ideias de H. Spencer. Discutindo a proposição de Y. Guyot encontraram-se economistas da estatura de Worms, A. Neymarck e L. Beaulieu que nem sempre estiveram de acôrdo na apreciação dos trabalhos do eminente sociologo e da influencia das suas ideias na Economia Politica.

Desde modo Worms propoz-se descobrir os mestres de H. Spencer, o que, aliás, não lhe pareceu cousa facil de se saber, devido a sua erudição vastissima e encyclopedica. Só uma cousa elle pôde afirmar: — é que H. Spencer, antes de tudo, seguiu as tradições do seu paiz.

Mas qual dos economistas inglezes de quem mais se aproxima H. Spencer?

Pensa Worms que é A. Smith, a quem aquelle se remonta para buscar inspiração e constituir o seu systema.

No entender de Worms, portanto, a Sociologia de H. Spencer não é mais do que uma generalisação da Economia Politica; principios desta sciencia se acham acomodados naquella, e Worms, entre outros, lembra que o principio sociologico da opposição entre o militarismo e o industrialismo, não é mais do que a consagração do principio da actividade economica em face da actividade destructiva.

O modo de pensar de Worms encontra apoio em L. Beaulieu, que opina ser a Sociologia, de algum modo, o alargamento da Economia Politica.

Não parece rigorosamente exacta essa subordinação da Sociologia á Economia Politica; si a Sociologia é uma sciencia geral, ella não deve se comprehender n'uma sciencia especial que, por isso mesmo, tem um circulo de acção

mais estreito, um objectivo mais limitado e circumscripto.

A impugnação que A. Neymarck formulou contra a originalidade que Y. Guyot descobrira e mostrara nas ideias economicas de H. Spencer, não é procedente.

A. Neymack combate a originalidade dizendo que as ideias de H. Spencer não são ideias especiaes, pessoas, são a reprodução das ideias de sua época. E vae ainda mais adiante; nega-lhe a theoria da Evolução, theoria que mais tarde Darwin desenvolveu, dando prioridade a Aristoteles, que, antes de qualquer outro, foi o seu descobridor e enunciator.

Talvez seja verdade, mas nem assim a gloria do grande sociologo empalideceu.

A apreciação de A. Neymarck é de muito subtilidade, mas muito bem mostra que elle a fez obedecendo aos prejuizos e preconceitos de sua escola.

De modo algum se poderá negar a influencia das ideias de H. Spencer na Economia Política, influencia que se não foi decisiva ao ponto de produzir uma revolução, ao menos veio consolidar e confirmar muitas doutrinas ainda vacilantes nesta sciencia.

Assim as suas ideias sobre a troca, o proteccionismo, o trabalho e outros phenomenos economicos, tiveram essa vantagem.

Sobre a troca, que é o objecto da Economia Política, dando-se a essa palavra a ideia analogica a de circulação das riquezas que tem o seu ponto de partida na produção e o seu fim no consumo, é necessario que o conceito de H. Spencer seja externado neste artigo, assim como o conceito sobre aquelles outros dois factos do dominio economico.

Defensor da liberdade economica, H. Spencer considera a troca como uma deducção directa da liberdade igual para todos, porque nem um dos homens que realizam voluntariamente esta operação, assume uma liberdade de acção superior á do outro. A troca é para elle uma consequencia da propriedade.

O proteccionismo encontra em H. Spencer um valente e ardoroso adversario que o combate porque considera toda e qualquer interferencia na liberdade de compra e venda, salvando-se apenas, como excepção, o commercio da escravatura que é um trafico immoral e indigno, como uma violação, um attentado contra esta liberdade, este direito.

Aos proteccionistas, como elle nos mostra, caberia bem o qualificativo de *aggressionistas* porque a prohibição que se impõe a A de comprar a B para obrigar a compra a C, importa num desrespeito e num agravo á liberdade de troca que elle reconhece como um resultado da liberdade pura.

A liberdade do trabalho é outro principio proclamado por H. Spencer, principio que é hoje quasi universal, de existencia real e indiscutivel.

Quem se der á curiosidade e ao gosto de ler attentamente as obras do eminente sociologo, principalmente *A Justiça, O Homem contra o Estado, Estudos Sociaes e Politicos*, ha de observar, a cada passo, muitas affinidades entre as suas doutrinas e principios acceitos hoje pela Economia Política que, se lhe forneceu inspiração,

como quer Worms, para que formulasse o seu *systema*, que é uma grande synthese da sciencia universal, veio depois, indubitavelmente, receber a influencia das generalisações e desdobramentos que elle soube magistralmente fazer do que della aproveitou.

Seja como for, o que é certo é que essa influencia é innegavel. O grande Leroy-Bealieu confessa-se discipulo, de algum modo, de H. Spencer, como se poderá verificar no *Journal des Economistes* de 15 de Janeiro de 1904, no resumo que Ch. Letort fez da discussão levantada por Y. Guyot na *Société d'Economie Politique*, de Paris, na sessão de 5 de Janeiro daquelle anno.

A confissão de L. Bealieu vale por uma confirmação, uma demonstração da verdade que se quer provar.

Cabe, pois, a H. Spencer, magestoso espirito que tanta luz derramou na sciencia do seu seculo, defensor imperterrito da liberdade, no que ella tem de mais puro e mais lidimo, fonte inexgotavel de ensinamentos de subido preço para a posteridade que o admira, mais esse provado merito que não será, entretanto, dos maiores quando se considera o que elle representou e o que elle fez pela Sciencia, pelo Progresso e pela Civilização.

ROCHA LINS.

(do 4.º anno)

INFLORESCENCIA

*Nessa quadra feliz em que a existencia é um sonho,
Em que a moça mal sente a dubia flor da cidade,
E' que em teus olhos brilha, indeciso e tristonho,
O mysterio do amor que te opprime e te invade.*

*Sonhas horas sem conta, ao sabor de um risonho,
De indísivel prazer e de vaga ansiedade;
E mal sabes que o amor que aos meus olhos eu sonho,
E' o transumpto fiel de toda a mocidade.*

*Mas, um dia virá, de estos febris e ancelos,
—Rubramente tingindo estas faces nevadas—
Que o mysterio do amor se desvenda em teus scios:*

*E' a mulher a vibrar para o amor exurgida,
Como as terras ao sol, palpitando enfloradas,
Na intensa floração do resplendor da vida.*

J. L. MONTEIRO DA SILVA.

CURRENTE CALAMO

Para quem escreve e para quem lê, nada mais irritante que um pouco de idéas grandiosas, enfeixadas num estylo chinfrim. E' como si fosse um arco rangente de violino, a atacar furiosamente um trecho de melopéa conhecida: produz arrepios n'alma.

O estheta, dotado de um sentimento innato de eurythmia, evita prudentemente estas duras impressões, que, persistentes, podem leval-o a um estado de nevrose e loucura. Eis porque, um homem generoso e sabio—Schopenhauer, em nome da integridade das Bellas Lettras, intentou corrigir aquelles que têm um mundo na cabeça e não têm uma fórmula para traduzil-o.

O grande mestre parte do principio de que idéas claras tornam claro o estylo. O pensamento

deve ser esmerilhado, esquadrihado, pesado, antes de ser expresso na linguagem. Só assim esta será escorreita, pura, de uma pureza de crystal.

Ora, eu que andava concebendo um genial *systema philosophico*—o diabolismo, e que não me sentia capaz de expol-o dentro dos limites de uma boa dialectica, aferrei-me com unhas dentes ao conselho de Schopenhauer. Convicto de que estaria destinado ao meu *systema* esboroar o edificio de todas as outras philosophias, já pela feição inédita em que deveria encarar a ordem das cousas, já pelos principios absolutamente grandiosos com que seria a sociedade organizada—vivi por muito tempo, como Xenocraftes, a pura vida subjectiva, numa poderosa concentração de espirito, meditando, perscrutando. Infelizmente, ao cabo de alguns mezes, surpreendi com espanto e dor que a minha doutrina não era mais que uma bolorenta concepção escholastica, com um pouco de verniz seculo XX.

E eu que tenho horror a antiquilhas e velharias; eu que detesto tudo que me cheire a alfarrabios e a in-folios, atirei-a, desilludido, ao pó das ruas.

Como Diogenes, com sua classica lanterna, á procura de um homem, a gente hoje se perde, á procura de uma idéa.

Este seculo ruidoso e bisbilhoteiro vasou tudo quanto poderia dar o cerebro de uma humanidade. Na Allemanha, onde os Topsisius já constituem uma *especie* do *genus homo*, não ha um seixo perdido á beira de uma estrada, que não tenha sido investigado pelo *escalpello* da sciencia. Em Literatura, andamos numa civilização muito mais apurada que a nossa, passeando com Julio Verni, Anatole France, H. G. Wells no anno de 2000. Os editores multiplicam-se, no trabalho febril de despejar pelo mundo alluviões de livros, em cujo redemoinho nos debatemos desesperadamente, sem ar, escachados.

Não caberia a mim pois—méro escrevinhador de linhas futeis, nem talvez a ninguem—o crear uma idéa original e propria em meio de sua exploração universal.

Estas columnas da Revista Academica, que iriam talvez receber os delineamentos geraes da minha doutrina, acolherão apenas uns punhados de commentarios, sem forma e sem fundo, sobre os telegrammas de ultima hora, por exemplo. Qualquer cousa de palpitante que tenha feito vibrar a Europa, abrindo-lhe um olho somnolento de quem já percorreu todas as gamas da sensação.

Mas os telegrammas não nos informam nada, tirante as parlamentações de velhas chancellarias, que discutem sophisticamente a intelligencia dos principios do Direito Internacional—«planeta retardatario no *systema solar* do Direito», na phrase de Edmond Picard.

A questão de Marrocos, esta antiga cantilena que ouço desde que me conheço por gente, está eternamente em ordem do dia.

Et si cette chanson vous embête...

Este Marrocos, na verdade, deve ser um bom petisco, para despertar assim a cobiça de tantas nações civilisadas. E enquanto ellas discutem a posse do seu *naco commum*, a atenção da gente fica voltada para o euphemismo do Direito In-

ternacional e para estas bobagens que se dizem equilibrio europeu, *entente cordial*, fraternidade de Estados e *tutti quanti*...

civilisadas... Que consciencia a Polonia que o diga.



DE MELLO FRANCO.

Uma vela que passa

*Leve, um barco de pesca á viração desfralda
A vela e singra ao sol que rompe a escassa bruma,
Rumo desses ilheus que o marão engrinalda,
Com seus focos de espuma.*

*Foge .. graciosamente enfunada, palpita
No horrisonte lilaz, como um passaro exul;
Depois se afasta e é uma aza branca na infinita
Curva do mar azul.*

*Primeiro amor, sonho formoso de criança,
Cheio de luz, cheio de unção, cheio de graça,
Vós sois na curva azul de um mar todo bonança
Uma vela que passa.*

RICARDO GONÇALVES.

Notas de um calouro

(A PROPOSITO DA REFORMA DO ENSINO)

Na extirpação dos vicios do ensino secundario e superior, o sr. Rivadavia Correia exerceu, como poucos, uma desassombrada cirurgia. O ministro manejou biceps possantes. Golpes intrepidos, profundos retalhamentos, nelles se viam a superioridade e o alento dos animos de aço. S. s., avesso a fraquezas, sem desvios protelatorios, concebeu um plano e realisou-o de subito.

Acto corajoso, bem raro nesta quadra de vontade de cêra, que se diluem aos primeiros raios de empenho, a remodelação emprehendida pelo sr. Rivadavia abrangeu adaptações valiosas e progressistas e varios erros, os erros inseparaveis de todos os empreendimentos rebelde-mente individuaes, em assumptos que solicitariam a collaboração de muitas intelligencias.

A reforma gerou bens e males: beneficios como a desofficialização do ensino, desvantagens como os obstaculos empilhados no decurso dos annos academicos e á soleira propedeutica.

Partindo da falsa supposição de que o fim do ensino é *mobilar* o espirito—supposição, aliás, baptisada na pia orthodoxa—o sr. Rivadavia Correia gizou o plano da Lei Organica e do regulamento collimando um só alvo: coustranger a mocidade á extensão material dos conhecimentos. Revelou-se, ahí, nesse rumo, um reflexo a mais de nossa cultura viciosamente *analytica*.

O estadista, assombrado deante de tanta corrupção, da mystificação dos exames, da falaciedade dos doutoramentos sem o brilhante substratum scientifico—suppoz a origem do vicio, exactamente em uma das consequencias do vicio combatido: isto é, viu na preguiça mental um fructo da benignidade dos programmas; viu no relaxamento propedeutico um consectario do *systema gymnasial*.

O ponto de vista não podia ser mais falso. A optica, assim parcialmente, converteu aquelles defeitos—que eram méra excrescencia da vesania de *aprender muito e comprehender pouco*—em males a que s. s. julgou acertado applicar como o remedio prompto, um regimen severissimo em *accumulação* de conhecimentos. O resultado era previsto e logico. A therapeutica official não melhora, antes agrava o estado do doente: desenvolve a preguiça e desordera a regularidade do curso preparatorio. As anomalias pedagogicas adquiriram o prestigio de favoritas do governo. Ficaram de pé.

Aquelles que examinam o assumpto sem a suggestão de um matiz partidario, reconhecem que o sr. Rivadavia seguiu, neste lance, velhas pégadas, muito batidas no Brasil. A super alimentação incongruente do cerebro, é um habito inveterado nas escolas de todos os gráus. O vezo da raça consiste em *aprender* verdades materiaes, em *accumular*, em reunir blócos de sciencia, uma espantosa bagagem de turco que relega a *comprehensão*, a noção synthetica, a alma das verdades embutidas no cerebro sem a menor assimilação, á casta, varias vezes, do vigor e os brilhos da propria intelligencia. Verbalismo exhaustivo, nasce nas primeiras letras e prolonga-se até a maturidade do espirito; sabedoria *automatica*, esterilizada, inutil, depressiva, que mata a flôr do pensamento!

Examinemos os «talentos» que por ahí irradiam os fulgores da fama. São, quasi sempre, moços ou de forte memoria ou de imaginação irisante. Dotados de uma força retentiva privilegiada, servidos, a quando e quando, pela potente imaginação de poeta, celebrizam-se rapidamente, são genios á vista do povo. Mas na realidade, são organizações inferiores e *anormaes*. A intelligencia vive sem «controle». O juizo, o entendimento, a razão, é disciplina que os talentos orgulhosamente desprezam...

E o «regulamento» protegeu estes graves erros, solapando as construcções mais solidas da nova sciencia escolar.

Ahi vemos o systema de exames de admissão: —puro exame de *madureza*, cujo ambito se alargasse. Entretanto, a *madureza* antiga, esmagadora, formava, já, uma absurdidade monstruosa!

Os exames de minucias—pois o curso juridico, tal como o fazemos é uma aggregação artificial de minucias—esses exames ao termo de duas séries, isto é, de dois em dois annos, exige forçosamente e principalmente uma cousa: memoria mascula, memoria *anormal*. Ninguem ignora as leis physiologicas do espirito. Entre as provas de conjuncto em detalhes e a energia retentiva, ha uma intransponivel barreira: a lei do esquecimento! A illuminação synthetica resiste; as minuciosidades, essas, fatalmente se apagam.

O sr. Rivadavia Correia timbra em ser estudioso. A memoria e a intelligencia nelle se consorciaram. Dahi a precipitada elaboração deste ponto da reforma, em que s. s. vê os outros através da propria capacidade e contrariou as investigações de Stetson, Ribot, Taine, Charcot, Galton, Beroliet, Armstrong, Binet, Henri—um esquadrão de mestres. Henri—na *E'ducation de la memoire*—tão lida, demonstra que a memoria

soffre de irremediavel fallibilidade. Bolton e Pohlmann? Não lograram elles, porventura, demolir os seculares cimentos da Pedagogia?

Ha uma particularidade em S. Paulo, que cumpre frizar. Na Academia, este anno, uma circumstancia agrava o penoso regimen actual. *E' a exclusiva oralidade do ensino na Cadeira de Direito Publico e Constitucional*. Todos sabem que, por motivos eventuaes, não ha em aula nem apostillas, nem compendios, nem notas. A competencia dos lentes, por mais alta que seja, já-mais poderá supprir uma falta como essa, verbalmente, na cathedra—porque a attenção dos alumnos oscilla sob leis imperiosas, descobertas pelos estudos de Munsterberg, Cohn e Henri. A MEMORIA AUDITIVA, em geral muito fraca, fixa imperfeitamente as noções, e nos exames—ai de nós!—succumbe, atacada pela emoção, a triste emoção que revolve até os intestinos dos examinandos... e dos soldados em hora de batalha. Basta uma experiencia de Lagrange para eleger, como veridica, semelhante affirmativa.

Nós os adultos, não somos como a creança em que a substancia cerebral retém as impressões com a passividade de uma chapa photographica. A creança conserva mecanicamente as imagens; nós precisamos de um certo esforço, apezar do coeffericiente physiologico de retenção, nativo e immutavel na cabeça humana. Quem, sem ser psychologista, ignorará hoje o impressionante capitulo de psychologia legal? Quem desconhecerá as obras de Claparede, de Gross, de Binet, de Stern? Mesmo os «dilectanti» na sciencia juridica sabem que o testemunho inteiramente fiel não é a regra, mas a nota singular dos depoimentos. As conclusões que a psychologia fornece ao Direito sob tal aspecto, graças a Binet, nol-as fornece o estudo da memoria em relação ao ensino.

Outra columna da reforma, alluida pela sciencia, reside na coordenação das materias. O dr. Reynaldo Porchat, com sua penetrante analyse, já o assignalou. A collocação do Direito Publico e Constitucional no I anno—um capitulo central do livro juridico—ao lado da Encyclopedia, que é a introducção desse livro, parece um deslocamento censuravel, principalmente por parte dos primeirannistas, a quem a calourice não prohibe a manifestação dos embaraços que sentem, espantados ante um campo novo. Campo de estudos, é claro.

Objectem que o Direito é materia facil, acessivel a intelligencias afeitadas ao estudo. Perfeitamente. Mas o caso não reside nisto. O caso é outro. Não se trata de *aprender*, mas sim de *comprehender* com gosto. Para os iniciantes, o Direito P. e C. conserva certa aridez, exactamente porque a intelligencia dos primeirannistas não obteve ainda a vista de conjuncto, obtida pela generalização que é, na phrase de Bain, «o facho da intelligencia», e palpita latente no espirito integrativo da Encyclopedia Juridica. A Encyclopedia foi um dos bellos actos da reforma: cumpria-lhe, por ordem, a esphera exclusiva do primeiro anno. Tal como se encontra, dá-nos a ideia do primeiro misturado com o meio. Primeiramente, deviamos possuir—só e só—a *vue*

d'ensemble; depois as minucias, as ramificações na integra.

Claro está que podemos vencer a fadiga, motivada por esse desaccordo de noções com a realidade psychica. Com que vantagem? O cerebro, quanto mais acrysolado, tanto mais abandona o detalhe pelo conjuncto. Um selvagem, ante uma cathedral, vê a torre; olhar adestrado do homem polido pela civilização vê o conjuncto do monumento, suas bellezas architectonicas, seus primores de arte. Só nos preoccupam as minucias quando estas nos excitam o interesse de modo vivo. *Não ha attenção voluntaria, onde não existe encadeamento de ideias fundamentaes.* No assumpto em que fallecer a associação intima, os professores mais venerandos bradarão sempre contra a fria indifferença da classe. A attenção é um caso de discriminação, e a discriminação succede á synthese. Haja vista o exemplo da Encyclopedia. As preleções do dr. João Arruda prendem, hypnotizam, enthusiasmam o alumno. Depois de ouvil-o, que doce sensação de clareza prodigiosa! Através de sua apetrechada e rara erudição, brilha uma lucida ordem de ideias. E' o Direito vivo, o Direito organico, espiritualizado, que vivifica as numeraciones seccas dos codigos.

O phenomeno da intelligencia é curioso. Binet mostra que não é mais intelligente o individuo que discorre borbotando phrases e ideias e repetindo com exactidão e calor aquillo que ouviu. O que distingue o alumno intelligente não é essa *actividade*, é o *nivel* intellectual. O nivel differe da actividade, porque a faculdade de adaptação—a seleccionadora expontanea das ideias—é o que forma a intelligencia. O poder de direcção do pensamento consiste em seu poder de adaptação e de auto-critica. A adaptação suppõe o fim claro e a escolha do meio. E' mister precisar-se o *fim*, para que a adaptação—caprichosa medida da intelligencia—se dê regularmente.

Eis, no estudo do Direito, a função de um bom programma: — precisar os *finis* do Direito para que a nossa intelligencia exercite sem peias o poder de adaptação e o lente nos pregue com justiça, separando os que dispõem de «contrôle», dos que são puramente «talentosos», na accepção vulgar do termo.

Ha bachareis avessos á radiosa belleza do Direito? São infelizes a quem o methodo academico não deu um fim, senão este: o de fazer petições e o casamento rico.

ARGYMIRO ACAYABA.

S. Paulo, 8 de Agosto de 1911.

Nota—A publicação deste artigo, cujo assumpto, é ainda opportuno, foi retardada por haver sido o mesmo entregue tardiamente á redacção da revista, quando já se imprimia o numero passado.

O Corvo

Para o Carneiro de Mendonça.

Sob a cupula azul, através o mormaço,
Qual um ponto final entre as nuvens pairando,
Anda o corvo a voar, voltejando no espaço,
Egoista feroz desertado do bando.

Ora sobe, ora desce e se o vê traço a traço:
Bico aberto, esfaimado, e o pescoço alongando...
Projecta o acceso olhar como lamina de aço
Nas paizagens em flor a carne farejando.

No desejo febril da estúpida cobiça,
Sobre o dorso de um bol que ainda está moribundo
Vem o corvo potsar, antevendo a carniça.

E o paciente animal de olhar piedoso e torvo,
Nem sequer ali vê a torpeza do mundo,
No retinto perfil da figura de um corvo.

S. Paulo, 1911.

EUCLYDES GOMES.

SCENAS E SYMBOLOS

Entra a estação do verde, nesses dias triumphalmente gloriosos. Rejuvenece a natureza, moça, fresca, florida e doirada, cheia de encantos e cheia de risos.

Nas manhãs lavadas, limpidas, animada por esplendidos sorrisos de forças refeitas, acorda a Terra com uma alegria vigorosa e casta. E ao despertar do tranquillo somno nocturno, envolve-lhe ainda a palpitante nudez das partes uma gaze subtil, que o sôl, soberano senhor e atrevido amante, rasga, para violar a humidade quente e voluptuosa dos vales e dos abysmos, donde se évola a onda estonteadora dos perfumes... A fresca vegetação, num extase de gosos viris, entrega-se, então, e abandona-se docemente ao almo sol, que a beija e afaga, que a fecunda, radioso.

A Natureza transforma-se, numa exuberancia maravilhosa de luzes, de tons, de perfumes.

E' o sol, - o centro da nebulosa primitiva, a origem das formações planetarias, - que reaparece, junta-se á Terra, inflamma a, dá-lhe o calor, dá-lhe as aguas, dá-lhe a vida: o sangue, a força, a belleza, a mocidade!

E' a Terra, a mãe commum, santa e carinhosa, que, outra vez fecundada, alimenta agora os filhos, nos seios tumidos de seiva

E' a seiva nova, o sangue creador, que circula e lateja em milhões de corpos e que os renova, os veste, os adorna, com mil côres e mil tons.

E o poeta, o artista, o sabio, como parcella do todo universal, sente-se arrebatado por essas manifestações de forças prodigiosas, irrompendo em harmonias magicas de bellezas e grandezas, que torturam.

Tambem nelle, o elemento vitalizador desponta nas florações da Idéa...

* * *

O melancholico passeante vai deixando aos poucos o agglomerado humano, immenso e rumoroso. Agora, as casinhas, envolvidas pelas

árvores solitárias e pelos jardins floridos, muito limpos e socegados, já não formam ruas.

A' medida que a estrada avança, vermelha e scintillante, vão-se mostrando sempre mais raras, perdidas nos massiços da vegetação, de um verde carregado e rico.

Segue a estrada, torce em movimentos bruscos para a direita e para a esquerda, apruma para as cristas dos montes, desce, insinua-se pelas suas fendas, e animada, ondulosa, desdobra-se como uma serpente enorme...

O viajante pára no alto de um dos contrafortes da montanha que está proxima, eriçada de farpas hostis, rasgada de boccas hyantes, que se levanta com o peso da sua massa, escura e ameaçadora...

Do outro lado, o sólo descahe. Despenha-se, convulsivamente revoltado, pelas encostas, rasga-se nos recortes, firma-se nos taludes de granito, fragmenta-se nas rochas soltas, escorrega, e estende-se, tranquilo, na planície dilatada e immovel.

Lá, num largo leito excavado, descança a caudal vencedora e candente. O sól despedaça os seus raios na chapa movel das aguas e desfaz-se em fulgurações que offuscam.

* * *

Os scenarios desdobram-se assim, cheios de accidentes, vastos e tumultuosos. Empolgam e esmagam. A Natureza joga alli as suas antitheses: na arrogancia altiva da montanha e na humildade rastejante da planície; na mattaria selvagem e bruta, onde os robustos troncos atiram para o alto a sua massa verde, e nos ondulados descampados, onde o gramado de veludo acompanha as curvas suaves dos montes.

Do alto da eminencia escarpada, o observador contempla a paysagem deserta. Nem vida, nem rumor animal. O sól flammeja, faz vibrar aquelle mundo e desperta as energias da materia multiforme e vasta. Tambem a materia humana vibra, porque é a que mais recolhe e sente.

E no organismo animal, ao trabalho scenographico da vista, acompanha uma revolução psychologica das idéas e das emoções.

A poderosa sensibilidade revela-lhe, na plenitude da luz e do calor, na harmonia das formas e das côres, na magestade das grandezas, uma elaboração silenciosa de forças, que anima o inerte mineral, a colorida planta e o proprio espirito. O fluido dynamico entrou-lhe no cerebro, como o vapor na caldeira; ferveu ali, dolorosamente; e do desvairamento de forças nasce a tempestade vertiginosa das emoções e das idéas. O coração,—esse que na formula eterna é «o pendulo universal dos rythmos»,—presente em cada objecto uma symbolização da alma universal que anda espalhada pela materia, dessa mesma substancia primitiva, de que a coisa humana é a mais elevada das manifestações e donde proveio evolutivamente, modificando-se, no desdobrar-se das gerações, pelos seculos tumultuosos.

* * *

Inflamma o peito humano a emoção das mysteriosas affinidades que só o enigma dos tem-

peramentos explica. A solidão desperta as dores moraes, augmenta as energias do pensamento e dá a sensação do desamparo.

* * *

Na plenitude da luz, o céu, descampado deserto e immenso, mostra-se num azul sem fundo. Sorri a natureza com o contentamento intimo dos simples e dos felizes. A familia das plantas, sob a excitação hilariante da luz e do calor, entrega-se aos arrulhos do amor, aos extases do goso. Ha, na folhagem brilhante e carnuda, vigores e intumescencias de seios virginaes e rijos.

E' a Primavera que reaparece nos volupias das reproducções. As arvores proximas apresentam um aspecto encantador: cobertas de pequeninas flores, brancas e avelludadas como arminho, parecem vestidas de alvissimas rendas. Outras, figura-se que receberam do alto uma poeira de neve, dispersa pelas folhas...

O passeiante encontra-se num jardim abandonado, onde vegeta um roseiral selvagem, inteiramente florido. As lindas e pequeninas flores desamparadas exhalam um odor forte e embriagador. E elle, sem animo para cortal-as, tão innocentes e tão fracas, beija-as nos tremulos labios, frescos e purpurinos.

Olha ao longe...

Levantando no pó ondas de oiro fulvo, segue uma tropa pelo estradão vermelho que, lá adiante, rasga a ultima encosta e rompe para o desconhecido...

Chegam os ventos ruidosos. Animados brincahões, encontram-se, envolvem-se e gyram em corropios, dançando no sólo empoeirado.

Intromettem-se pelos braços do arvoredado e a floresta em torno, sentindo a caricia, arripiam-se, farfalhando, murmurosa...

Aquelles estradões rubros, significação do perpetuo movimento para o desconhecido; estes ventos, que o afagam com o seu perfume vigoroso e selvagem, despertam-lhe uma torturante saudade do sertão.

E elle aspira, nessas correntes que vêm de longe, a alma, a vida do sertão desmesurado e distante. O halito perfumoso e a presença das solidões fazem representar em seu espirito, pela associação das emoções, os scenarios em que ensaiou uma infancia agora tão lembrada em suas phases longinquoas!

E elle, misero desterrado de tantos annos nesta natureza domesticada, quer os espectaculos fortes.

Pensa nessas paragens onde as montanhas altivas desafiam o céu e ostentam nos cimos agudos farrapos de nuvens, feitas flammulas de um exercito victorioso; onde os troncos colossaes suspendem no espaço as suas montanhas verdes; onde as planícies se prolongam até o infinito e onde os horizontes são abertos como oceano immenso; onde os rios magestosos se alargam, lentos e profundos; onde o sol tem outra vibração, o luar encantos magicos; onde a vida, socegada e tranquillada, têm outros aspectos e outros costumes.

Lá, os elementos empenham luctas tragicas. Fulminam se. As forças da natureza vão aos extremos paradoxaes, arrastando as vezes o homem ao supremo desfavor da miseria.

Bem se lembra. Quando o sól flammeja implacavelmente durante mezes e mezes, sem a lagrima misericordiosa de uma chuva, e o sólo faiscante turva a vista e abraza os pés, começam os dramas da vida animal e vegetal. A terra é uma desolação: arida, morta, revelando na nudez as durezas da esqueletica ossatura, inflamada por um sól de fogo, transforma-se em fornalha a emittir chammas.

O homem, a planta, a creação contorce-se e define numa lucta desesperadora contra o inimigo phantasma, que se ri na claridade deslumbrante dos dias interminaveis. A atmosphera, sequiosa, chupa quanta agua ha nos rios, porque as florestas não as protegem mais.

Sucedem-se as combustões espontaneas nos campos já desnudados. A's vèzes (curioso espectáculo!) das queimadas sobem ao ar enormes linguas de fogo, que ensangentam rapidamente o espaço e vão incendiar, a kilometros de distancia, pobres colmados de sapé.

As arvores, raras, sem carnes, nem folhas, extendem para o alto os gravetos negros, como que a clamar, a pedir, famintas.

Mas, a essa agonia universal da vida, resiste sinistramente o zebú. Machina inestimavelmente prestimosa e providencial dos sertões, que não pede estabulos nem alfafa, enfrenta a secca e sobreviverá tambem ás maldições da sciencia livresca e syllogistica.

Derretida a planta e estancada a agua, andam os desgraçados, como cadaveres ambulantes, a arrastar pelas regiões solitarias a ossada de seus esqueletos quasi nús, espetando a pelle rugosa. Cançados, exanimés, vovvem para o viajante que passa os grandes olhos tristes, cheios de agonias, tão tristes e tão melancholicos que entram n'alma e degelam a dureza de algidos corações.

Vão assim rastejando pelos pastos carbonizados a debil flacidez de suas energias esfaceladas; investigam o deserto em torno, olham ao longe, mas, nenhuma probabilidade de alimento. E recahem na atonia dos supremos desanimos, a contemplar abstratamente as cousas, com esse olhar dos conformados que viram morrer a derradeira esperança...

E resistem, tenazes, até as primeiras chuvas!

Mas um dia, extranho fragor rompe, as subitas, o silencio do sertão luminoso e immovel.

E' a natureza, feita de antitheses espantosas, que vêm corrigir-se, vingando...

Em furia infernal, chegam os ventos, vertiginosos. Vêm atropeladamente, arrebatam, despedaçam, torcem, dobram, lançam aos ares, e passam com estrondo... Vão-se os telhados; voam as roupas nos coradouros; anda a gente, ás tontas em gritaria pelo terreiro; batem as portas e as janellas com fracasso; as arvores gesticulam desordenadamente; os animaes escondem-se; e as folhas seccas, com o pó e a ciscagem, correm em novelos pelo sólo, invadem tudo e, depois, são lançados aos ares, que escurecem.

De subito, cessa o pandemonio infernal e todas as cousas immobilizam-se, silenciosas... E' o momento das expectativas supremas. O barometro descahe, aos saltos. Nem uma folha

se move. Ha pavor por toda a parte, agonias mudas, recolhimentos de terror.

Presente-se no alto uma conspiração mysteriosa de nuvens, que se ajuntam e se concentram, rapidas. Está suspensa sobre a terra uma abobada de chumbo, pesada e negra, ameaçadora e asphyxiante.

O misero sertanejo sabe a significação da quella condensação de forças universaes.

E vem roncando ao longe o temporal...

E' a batalha. Riscam-se no céu sombrio os relampagos deslumbrantes, estrondam os raios, os ventos desencadeiam-se em furia... E as montanhas do céu abatem-se contra a terra, e esmagam, e destroçam, e inundam...

E' o cahos, a descoordenação irrefreavel, desvairada, sublime, de todas as leis da segurança natural. E' o completo desamparo da creatura humana, a fatalidade da sua fraqueza.

Hontem, combatia contra a terra abrazada; hoje, contra o diluvio, contra a inundaçào dos rios, contra a audacia das aguas, que, de surpresa, invadem, arrebatam, afogam, insulam.

Hontem, a agonia atroz da terra, sob o martyrio das chammas calcinadoras; a desolação do deserto arido.

Hoje, uma resurreição brutal da vida; a ostentação maravilhosa e repentina do verde, a apothose triumphal da seiva, a natureza, em festas, ruidosa, delirando, louca de mocidade!

S. Paulo, Agosto, 1911.

C. DE MENDONÇA.

Wagner

(A *Jonathas Monteiro*)

A sala estremecia aos impetos vibrantes
Dessa musica extranha. E os sons electrizados
Vinham repercutir convulsos, inflamados,
Numa orchestra infernal de applausos delirantes.

E' rubra a melodia. Os sons congestionados
Têm nervos procurando os avidos amantes,
Lembra as ondulações de volupias distantes
Num leito virginal de loiros namorados.

O salão se contrahe em doidas convulsões,
Enquanto que febril explende heroicamente
O silencio glacial das fortes emoções!

E em meio essa viril e esplendida nudez
Palpita o coração desesperadamente
Num espasmo brutal de louca embriaguez!

S. Paulo, 1911.

LAERTE SETUBAL.

Jean Jaurès e o Brasil

E' mais um dos filhos que a brilhante civilização franceza manda ás bordas occidentaes do Atlantico, em demanda desta America Meridional que de longe se mostra aos europeus como o mais mysterioso dos mundos.

Aquelles que não têm péas no pensamento saudaram-no como um dos mais eminentes e corajosos paladinos das causas populares na Europa, como o vexillario ardente dos ideaes de-

mocraticos, que mais e mais vão avassalando a humanidade, quaes forças irresistíveis.

O impetuoso socialista francez pouco se demorou entre nós; todavia, deixou no animo dos que o ouviram a impressão de um meteoro fugaz.

Porque, Jaurès é um desses poucos homens perennemente inflammaveis, como um vulcão latente, que a força de convicção num grande ideal ergue acima de todas contingencias da vida.

E é na tribuna parlamentar ou publica, que elle enthroniza a sua força.

Ahi, é uma convulsão temível...

Assalta-o a paixão pelas suas idéas, sacode-o, atroa-lhe na voz, transfigura-o...

Não possui habitualmente essa eloquencia transbordante, mas serena e rigorosamente logica, que concreteriza Ferri e outros gigantes da oratoria.

Nem por isso, porém, perde o pensamento a sua força. O periodo vem-lhe pausadamente, com pequenas interrupções, mas fremente, no mesmo diapásão vigoroso, preparando e condensando gradativamente as idéas, para a descarga final, dominadora e electrizante... Nesses momentos, conquista completamente o auditorio, apaixonando-o e privando o, até certo ponto, da faculdade serena da critica.

* * *

Não importa ao nosso proposito estudar aqui a personalidade de Jean Jaurès através das suas doutrinas socialistas.

Ellas têm, para muitos, um valor discutível. Mas, condemnar-se e insultar um homem pelo unico facto de guardar em si a convicção profunda de que a actual organização social não corresponde aos principios de egualdade, de fraternidade e de altruismo, é ser intolerante, é impor mordças á consciencia, é volver á Edade Media, é ser Torquemada.

Aos mal educados tympanos de certa classe de gente que se entende por illustrada a palavra, *socialismo* soa confusamente como alguma coisa de monstruoso e aterrador, como uma ameaça de subvenção de ordem social pela dynamite e pelos incendios. Não distinguem entre o anarchismo, o collectivismo, o communismo, com os seus matizes, entre o socialismo avançado e todos os systemas que pretendem reorganizar a Humanidade, quer transformando o instituto da propriedade, quer procurando amplificar demasiadamente a acção do Estado sobre o individuo.

Para esses cerebros de raciocinio intantil, o socialista é o mais tenebroso dos homens; e como tal, condemnam-no summariamente, sem o mais ligeiro exame de suas doutrinas, tão antagonicas, aliás.

Pela nossa parte rejeitamos *in totum* o anarchismo, «o grande sonho negro de tudo purificar pela chamma dos incendios»; renegamos o collectivismo e o communismo, e aceitamos, com poucas restricções, as idéas do socialismo avançado.

«Muitas das aspirações das varias escolas do socialismo propriamente dito hão de ser concretizadas em leis. Não ha um só homem de coração bem formado, que não se sinta confrangido ao contemplar o doloroso quadro offerecido pelas sociedades actuaes com a sua moral mer-

cantil e egoista. O socialismo ha de triumphar parcialmente. O seu triumpho é infallível».

Quem assim se bate tão energicamente e tão *tenebrosamente* por esse maldito socialismo é um ministro do Supremo Tribunal da Republica, o sabio, venerando e querido mestre sr. dr. Pedro Lessa...

Mas ahi estão os preconceitos de seitas, as lendas, o conservatorismo, impenitentes e arraigados, a erguer ao pé de cada consciencia a bayoneta vigilante da intolerancia, para impedir todas as tentativas de liberdade da razão no julgar os factos, as idéas e os homens, e para fulminar os discolos.

Nós nos achamos com o magno Spencer: o que move os homens são os sentimentos, mais do que as idéas. E a crença religiosa é a peor das paixões, a mais tyranica de todas, porque commumente só abandona o homem na morte. Ella impede o livre movimento das ideas, fazendo com que tudo o mais seja julgado conformemente a um só criterio, e revolta-se contra as novas verdades reveladas pela Sciencia Soberana, no seu papel de propulsora da Humanidade.

* *

Nenhum dos eminentes vultos europeus que nestes ultimos tempos nos têm visitado merece tanto a gratidão e a admiração dos brasileiros como Jaurès.

Filho dessa França que por tanto tempo representou o papel de luzeiro da Humanidade, por certo partilhava do preconceito dos que nos julgam um povo ainda em plena barbaria, especie de ignorancia atavica, visto como já em 1867 Almeida Garrett exprobase-a nos termos seguintes: «Esse achaque de decidir afoitamente de tudo é velho, sobretudo entre francezes, que são o povo do mundo entre o qual (por phylautia de certo) menos conhecimentos ha das alheias cousas».

Todavia Jaurès, certamente seduzido pelas informações de Doumer, Richet, Dumas, Clemenceau, Anatole France e outros, relativamente ao nosso paiz, deixou-se impressionar pela indole essencialmente intellectual do povo brasileiro, em contraste com o seu atrazo material.

E o sr. Jaurès, um simples doutrinador e paladino socialista, que nada tinha que ver com as coisas deste modesto e desconhecido Brasil, larga as velas para os selvagens terras de Cabral, lendo o portuguez, entendendo o portuguez e com a melhor parte da literatura nacional na cabeça... Seria isto a coisa mais natural do mundo si não se passasse com um francez, tão desastrados em materia de geographia...

E' que, lendo Humboldt, Saint Hilaire, Buckle, Agassis, Denis (pae e filho) e tantos outros sabios naturalistas que deixaram obras immortaes sobre a terra brasileira e os seus costumes, e lendo um dos poucos nacionaes, como Euclydes da Cunha, que se preocuparam com os nossos destinos estudando a terra e o homem, — é que o ardente agitador francez sentiu-se impressionado com as descripções desta natureza infernalmente magestosa e bella, que esmagou Buckle e arrebatou Humboldt, a impassibilidade britannica e a gravidade tedesca.

E quiz tambem admirar a terra e este extranho povo, que nasceu doente, sentindo e pensando precocemente, com as suas aspirações, os seus anseios e o seu incorrigivel sentimentalismo.

Os outros admiraram o meio physico, elle comprehendeu a alma nacional, crystalizada, sob moldes eternos, nas paginas desesperadamente tragicas de Euclides da Cunha. Elle comprehendeu o que, infelizmente, ainda hoje é uma intenção vaga, mercê do pouco amor ao estudo das nossas coisas: que a acção divergente dos factores physicos, alliada á disparidade dos factores ethnicos, operará um desequilibrio cada dia mais profundo, que já existe pronunciadamente, entre os elementos constitutivos da nacionalidade brasileira. O nosso meio physico, comprehendido na zona tropical e sub-tropical, que abraça a quasi totalidade do Brazil, graças aos multiplos accidentes orographicos, á capacidade productora do sólo e ás violentissimas opposições de climas, têm um poder de redução consideravel e irresistivel sobre o elemento humano. Transforma-o, e si dentro de trez ou quatro gerações não intervier o cruzamento com o estrangeiro, degenera o branco, transfigura-o, enfraquecendo-lhe as energias.

Além de exercer a sua acção destruidora sobre o organismo, converte a alma. Neste ponto, tudo conspirou contra nós: o meio physico e a natureza das raças que nelle se implantaram. Dos tres elementos formadores do amalgama ethnico actual, o indio (o aborigene) não se transformou; o negro da Africa encontrou aqui um complemento natural da patria, e manteve o seu sensualismo, o seu fetichismo grosseiro, accrescentando ainda á sua idolatria, fundindo-os, o Deus e os santos dos brancos; o portuguez, transportando para cá um pouco da quella alma triste e sonhadora da Peninsula, accresceu-a com a emoção do scenario extasiador, além de muito aprender do negro.

Com as pompas de uma natureza ora brutalmente tragica, ora cheia de magnificentes bellezas; com as apotheosas magicas do verde; com a magestade das massas graniticas, com os rios gigantes e tumultuosos; com os serradões desertos e os plainos desmesurados; finalmente, com os deslumbramentos da luz, a colorir, a doirar e com as noites esplendidamente consteladas ou enluaradas, — o espectador é levado a impressionar-se e a meditar... E os espectaculos sublimes, agindo como determinante psychologico, vão exaggerar ainda mais essa sensibilidade importada ha seculo pelas raças primitivas e hereditariamente transmittida e prevenida contra a interferencia do sangue estrangeiro graças ao isolamento dos desertos.

O brasileiro, mesmo nas regiões de povoamento mais denso, encontra-se sempre em face do deserto desmesurado, do grande e do bello... A sua literatura, o melhor espelho da alma de um povo, é um indice seguro. Toda ella traduz um grito do coração, torturado pelos amores, pelos anseios, pelas chimeras.

Não ha na actividade do espirito os esforços persistentes, systematicos, a analyse fria, a constancia do laboratorio, as longas investigações sobre os themas aparentemente aridos, indispen-

saveis para as construcções scientificas immorrederas. Tudo são paixões, arremessos de momento, ou então, a inercia desalentadora. A nossa Historia é escripta pelos estrangeiros, a nossa terra, por elles estudada e até a nossa propria alma tem sido analysada pelo europeu.

Parecemo-nos em tudo com essa India opulenta que deu os maiores especuladores da antiguidade e cujos habitantes vivem em sonhos, entregues ás suas florestas, dos seus Ganges e de seus Himalayas soberbos.

Jaurès encontrou, pois, aqui, o mais caracterizado dos povos americanos, com uma phisionomia toda propria. Impediram-no a falta de unidade geographica e um baralhamento de raças, coexistindo pacificamente, sem as carnificinas barbaras da America do Norte. Comprehendeu que o Brasil abriga varios aggrupamentos ethnicos, isolados a seculos em diferentes tratos de vastissimo territorio, ignorando se uns aos outros, desinteressando-se, vivendo á parte com os costumes caracteristicos. Isto no norte (periphéria e centro). No sul, ao inverso, graças á benignidade do clima, marulhando á beira do oceano, a massa cosmopolita, multiforme, laboriosa e progressista, renovando-se quotidianamente na raça e nos costumes, fundindo-se e adaptando-se lentamente ao territorio, para formar mais tarde um typo á parte, nem propriamente brasileiro nem europeu.

Tres factos produziram uma impressão um tanto profunda no espirito adeantado do sr. Jaurès, que provou conhecer a nossa patria melhor do que qualquer dos brasileiros rethoricos: a brutalidade de uma natureza sublime, o typo anachronico e curiosissimo do sertanejo e o phenomeno immigratorio.

O *folk-love* nacional actuou-lhe na mente como um encanto extranho. Conquistou-lhe a curiosidade a vida a um tempo poetica e dantesca desses velhos retardatarios na cauda de uma civilização nova, alli esquecidos, vegetando durante seculos, no mais flagrante dos anachronismos, como derradeiros residuos das velhas edades européas. Protegido pela inacessibilidade da terra contra as correntes civilizadoras, lá ficaram com as suas crenças, os seus costumes, as suas luctas ferozes, os seus terrores e os seus preconceitos. É uma congerie quasi indecifrável de raças que o meio dominou e converteu: o producto do negro, do indio e do branco (no numero destes se encontra até o hollandez), — o mulato, o mameluco (o paulista de outróra) e o cafuz. Evoluíram, mas a seu modo. O *habitat* principal desses compatriotas, quasi desconhecidos para nós, é constituido pela immensa região comprehendida na bacia do S. Francisco, que foi no dizer de Reclus (si não nos enganamos) o grande vehiculo da civilização brasileira.

Mas, ha muito que uma pergunta grave nos acutila o espirito: lá, onde se encontra essa «rocha viva da nossa raça», poderá chegar a onda dos modernos, dos *extrangeiros*, sem se converter? A raça branca é susceptivel de manter nas zonas tropicaes a pureza deseus attributos ethnicos sem degenerar? Não temos competencia para responder. Questionem as auctoridades.

O certo é que, do sul para o norte, opera-se uma marcha forçada e atrevida para o deserto sertanejo (Minas, Goyaz, Matto Grosso) por meio dos trilhos de aço. Mas estes não passam, por enquanto, de órgãos sem funções.

Quanto ao phenomeno immigratorio, o socialista francez chamou-nos a attenção para alguns factos da maxima importancia, que já têm sido lembrados por escriptores nossos: a liberdade com que recebemos, nas ondas immigratorias, elementos perniciosos para a ordem publica e inuteis para o trabalho,—verdadeiro rebotalho renegado pela Europa.

Não perderemos a opportunidade para lançar um protesto contra a falta de criterio com que as nossas administrações publicas encaminham a immigração para os differentes pontos do territorio nacional, sem ter em conta quer a destribuição exigida pelos nossos interesses, quer a qualidade dos elementos que têm de constituir as cellulas activas do organismo patrio.

Não pretendemos reproduzir nestas rapidas notas as sensatas considerações feitas pelo sr. Jaurès relativamente quer á immigração, quer ás garantias que os governos federal e estaduaes devem dispensar ás colonias estrangeiras por meio de leis humanitarias que lhes assegurem o direitos e os protejam contra os infortunios no trabalho e as exigencias do capitalismo.

Finalizando, o sr. Jaurès, ao contrario de tantos outros estrangeiros exploradores que por aqui andaram, deu provas de amor e interesse pelo Brasil, porque estudou-o e conheceu-o. Não se ama o que não se conhece, ou o que se conhece mal. Elle entreviu toda a immensidade dos destinos «desta esperança admiravel». Intelligencia larga, coração apaixonado pela sorte dos fracos e dos desprotegidos, alma de combatente destemeroso, Jaurès, na sua posição de mocrata, de socialista e de latino, verificou, com pezar, que, movendo-se entre as energias formidaveis de uma terra colossal, está um organismo gigante, dotado de intelligencia brilhantissima, de espirito de cordura, honesto e ordeiro, mas atravessado de vicios e erros inherentes á pouca idade e á pouca experiencia dos seres que se encontram ainda na sua phase inicial de integração.

Não o disse manifestamente, tolhido pelos escrúpulos delicados de estrangeiro; mas fez-se comprehender atravez dos subtendidos do pensamento. Si no testemunho insuspeito do maior dos brasileiros, as companhias poderosas e ricas não encontram justiça que garanta os seus interesses no Brasil, que se dirá dos pobres operarios humildes e sem apoio? — interrogou.

A força das sociedades não reside no poder com todos os seus instrumentos de garantia, mas no seio das masas informes e obscuras. Emquanto disseminada e ignorante, ella é inoffensiva, porque não tem consciencia do seu poder. Organiza-a, instrui-a, fazel-a intervir nos parlamentos e nos destinos do paiz, governando-o e governando-se, é impedir, em tempos peiores, as esplosões brutaes do vulcão popular, — disse.

Esta nação não encerrou as paginas dos seus grandes e bellos movimentos liberaes com a Republica, porquanto ella é a primeira pagina de um livro de Justiça que o Brasil começa a escrever.

S. Paulo, Agosto, 1911.

TOPSIUS.

PEDRA

Pygmalião amava Galathéa,
Filha de sua idéa,
Filha de seu escopro.

* * *

*A estatua recebeu da vida o sopro,
E ouvidos dor não quiz ao triste amante,
Foi infeliz bastante, o pobre estatuario.*

* * *

*Entretanto, mais negro é o meu fadario.
Sinto no peito um magico alvoroço
Por ti, que foste já de carne e osso
E em pedra te tornaste, esquivada e fatua.
Tal qual outra qualquer.*

* * *

*Antes mil vezes a mulher na estatua
Do que a estatua na mulher.*

LABOURÃO CACHETTA.

Belèn Sarraga

Discurso do quartanista Demetrio Justo Seabra no salão nobre de nossa Academia por occasião da visita que nos fez a ardente propagandista hespanhola Belèn Sarraga:

«Filha de uma terra que foi immensa em vastidão e poderio, Belèn de Sarraga nasceu como um grito vivo de protesto num ambiente em que tudo era e é analyse, reformas e sêde de progresso.

Faltava, porém, a paz, a liberdade e, ás vezes, a Justiça, de resto como em toda a parte.

Impressionou-se. Poz-se a examinar, sinão que viu a grande demora entravadora da marcha progressiva daquelle povo... Observa-a, observa-o bem. Sente em si propria a força dominadora do mundo, no dizer do autor de *L'Esprit des lois*, — a eloquencia; vê brilhar em si a intelligencia masculina e soffre constantemente as impulsões resultantes dos sentimentos fortes que em seu coração tumultuam. Que faz então?

Precepta-se sobre ella atacando-a cega e enormemente? Não. Ella faz o que devera fazer. Atira-se á historia e á philosophia e de lá extrae as luminosissimas verdades que, como pedras preciosas de cores infinitas, se engastam e abrilhantam o seu clarividente espirito.

Arma-se, arma-se então com o brilho da verdade, com o duro da logica, com o forte da eloquencia, com rijo da energia, com o temerario do heróe e golpêa, golpêa,—a principio avançando, e depois fugindo,—mas golpêa sempre a remosa tremenda e poderosa... sinão que alguns golpes, resvalando, como ferir, uns directa e outros indirectamente, ao governo.

Foi bastante. Manifestaram-se as perseguições. E, sendo já difficil resistir, aturar,—Belèn atira-se ás aguas do Atlantico para surgir em onda colossal e marchar, marchar refletindo em seu cristal a immensidade da estrella que nos guia e que nos illumina — o Ideal.

Chega. Mas, qual oceano sempre agitado e revolto pelas secretas immensas, cyclopicas for-

ças que o cruzam, Belén, não se contendo, expande-se pela letra e pela palavra ardente que ao seu peito empola.

E' que, senhores, os males; é que as desigualdades, poderio excessivo de uns, escravidão deshumana, brutal de outros; é que assim as injustiças, tudo emfim, que já lá havia confragido a sua alma bôa, philantropica, illuminada,—tudo isso veio achar ella cá, no seio destes nascentes povos seus irmãos.

E o que fez certo dia em Cadiz, repetiu-o em Montevidéo.

Depois, com as suas estrophes,—cada uma das quaes é uma lanceta rasgando esse dogma; depois com os seus discursos,—cada um dos quaes é uma rajada varrendo as inutilidades do passado, Belén mareja sempre, sempre convicta e incançavelmente; mareja sempre pelo bem da humanidade.

Humana mulher que ella é!

Belén, estudando, com o talento, a energia, a eloquencia, a impavidez que a caracterizam, Belén, estudando como estudou, tornou-se uma predestinada a ser o exemplo vivo ruidoso da sonhada emancipação.

Em cada logar da sua trajetoria em que para, ahi se esboça um enorme ponto de admiração, o qual se deversifica, se illumina e fica resplandecendo exposta á consideração dos povos...

Apostolo convicto, diluindo raios de luz, ella penetra na noite das almas, e, ahi, de gladio flammejante em punho, espanca homericamente as immundices viscosas da superstição.

Bemdito gladio, que tão má plora devastas e esterminas!

Hoje, eil-a entre nós.

Ella é uma dessas personagens gloriosas de quem dizia Shakspear valer cada pellegada um homem.

Moços meus collegas, cultores da verdade, paremos, saudemos, curvemo-nos reverentes á passagem da mentalidade superior á mulher, da mulher superior á sua idade e á nossa época.

Onze de Agosto

(1827 — 1911)

Vinculando estas duas datas, acabamos de abrir uma janella para o azul do nosso passado juridico.

Assomemos á essa janella e vejamos... Que vemos lá, á distancia de 84 annos?—dois monumentos de luz: um lá, no norte, em Clinda; outro cá, no sul, em S. Paulo. E, ligando esses dois monumentos, o venerando nome do benemerito visconde de S. Leopoldo, — seu architecto e heróe da nossa emancipação intellectual.

Que vemos mais? — Vultos a se destacarem de anno em anno dessas duas mães intellectuaes e a marcharem presos por um umbigo de luz condensada, que elles vêm destorcendo e diluindo, através do tempo, por todos os recantos do tersão brasileiro.

Esses vultos têm sido varios e muitos. Enunciar-lhes os nomes seria repetir o que todos nós

sabemos. Têm sido elles poetas, literatos e juris-consultos ou forjadores do direito.

Direito! Base luminosa da immensa grandeza romana! Criação a mais humana das humanas criações! Direito, tu serás o verdadeiro redemptor da pobre Humanidade! Tu, Direito, tu serás tanto mais systema, unidade e grandeza, quanto maior fôr o povo que te cultiva! Os teus cultores serão tantos mais e melhores numa sociedade, quanto maior ahi fôr a grandeza de coração, os sentimentos de humanidade, o espirito de emancipação e o sopro da divina Liberdade!

Ainda nasce o amor aos principios e se começa a vêr o espirito do Direito? Sem duvida, nas Academias.

Pois bem, si ahi é, mister se torna organizar estas de maneira que a sementeira se faça bem e um methodo nas almas dos moços para que a sociedade possa contar com os seus fructos, que são a sua essencia, que são a sua vida, que são o seu tudo — a Justiça.

Isto, porém, jámais se conseguirá emquanto os homens não ligarem a devida e natural importancia ás vocações dos futuros... *certificados* (doutores?), e estes não evitarem o desequilibrio e maliguidade dos vicios e velharias que corrompem, material e moralmente, a mais perfeita expressão da natureza.

O homem que sae do seio de nossa Academia de Direito deve ser, antes de nada, — um medico da sociedade: Armado de saber, deve prognosticar e indicar o remedio e sua applicação ao mal de que ella soffra; armado do poder, deve saber rasgar-lhe os tumores que lhe minem a organização.

E tem tantos e tamanhos!...

E' importantissima a nossa missão social. Comprehendel-a bem e cumpril-a, — eis o nosso estudo e o nosso destino...

Mas, voltemos ao motivo destas linhas.

Onze de Agosto tem sido uma data particularmente academica. Geral, essencialmente, porém, ella é data nacional. Assim, ella devera sel-o de festa:—Festa do Direito, por exemplo, que sempre nos merece melhor um dia no anno do que certos factos e abstracções que nada mais de util significam ou exprimem para o genero humano, quanto mais para um povo, para uma sociedade.

A sua esphera festiva tem sido menor: Só têm abrangido a mocidade academica.

Este anno, porém, graças á iniciativa da directoria do *Centro Academico Onze de Agosto*, —que é a columna vertebral da nossa Academia,—este anno já se estendeu aos gymnasiaes e, certo, brevemente será um anno Natal dos Estudantes—com suas festas, seus concursos, seus premios,—em lugares affastados das ruas e praças publicas, onde só se interrompe o activo transito e se inquina a classe de elementos extranhos,—e longe dos theatros, onde, caindo no dominio da psychologia das multidões... espirituosas e assanhadas,—a classe só perde no seu prestigio e se abate na sua dignidade...

Leitor, lembrar o Onze de Agosto é abrir uma janella para o azul do nosso passado juridico.

JUSTO SEARRA.

NOTICIARIO

ONZE DE AGOSTO

O *Centro Academico Onze de Agosto*, guarda zeloso das tradições da Faculdade de Direito de S. Paulo, imprimiu o maximo brilhantismo ás festas com que os academicos commemoram annualmente a data da fundação dos cursos juridicos no Braisl.

Parece que na expontaneidade dessas festas, tão ruidosas, mas tão commoventes pela sua significação profunda, quiz a mocidade reviver, com todas as masculas energias de uma raça nova, um culto sagrado por este symbolo vivo da civilização brasileira.

Aquellas vozes vibraram allí talvez como um protesto, que tem alguma coisa de doloroso...

Mas, não importa! sob os escombros das construcção seculares, resta sempre alguma coisa que ninguem pode tocar: a alma do passado.

Ha alguém, os pessimistas sem duvida, que consideram a época actual como um enfraquecimento de energias, como uma subversão dos principios rudes e severos que impelleram os nossos ante-passados ás grandes abnegações patrioticas que enchem as paginas da Historia Nacional. Pode ser. Convém, porém, ter em conta que são os movimentos profundos e silenciosos, desdobrando-se por entre um indifferentismo aparente, que preparam os grandes acontecimentos na vida dos povos. As dores vão-se emudecendo; as calmas reconcentrando-se; a confiança illimitada rindo-se no interior das almas frias; os longos esforços meditados e recalçados preparando, na modestia dos desconhecidos, as obras remotas, sem os arruidos theatraes das platéas.

Sempre foi assim, na vida individual como na existencia das collectividades, ao preparar os passos mais importantes e as iniciativas de effeito profundo e radical.

Não ha melhor motor na vida do que as fortes suggestões para os desanimados e os fracos.

E o relembrar-se a historia de uma instituição, de uma classe ou de uma nacionalidade, — onde ha o sacrificio recompensado, os esforços dos humildes glorificados, a posterior consagração dos desgraçados que se viram abandonados e incompreendidos pelos seus pares, — é apontaram-se os exemplos, e tambem estimular se, fortalecer-se para a resistencia e convencer-se do triumpho futuro.

O passado da Faculdade de Direito de São Paulo ergue-se como um estimulo, uma suggestão e um orgulho para os que a elle pertencem actualmente. E a sua progenie hodierna, comprehendendo-a e sentindo-a, agradecida e orgulhosa, procura cercal-a de carinhos crescentes, manter-lhe o respeito e o prestigio contra a investida dos demolidores.

E' pois por isto que as recentes commemorações da data magna revestiram-se de um brilhantismo excepcional, dellas participando, em bello movimento de solidariedade, a mocidade das demais escolas superiores da capital, de varios institutos de ensino secundario e parte da sociedade paulista.

Dos innumerados e brilhantes discursos pronunciados quer deante das redacções dos jornaes, quer na sessão extraordinaria do Centro Academico Onze de Agosto, quer perante as estatuas de Alvares de Azevedo, José Bonifacio, quer na sessão solenne realizada, com enorme assistencia de academicos e familias, no salão nobre da Faculdade, um perdurou na mente dos que o ouviram.

A oração do sr. dr. Gama Cerqueira, professor do estabelecimento, foi uma peça memoravel tanto pelo peso das idéas como pela forma com que as revestiu. Impressionou profundamente o numero e brilhante auditorio, porque teve a eloquencia dos que, sem declamar, sabem enunciar verdades e condensar idéas em poucas palavras.

Numa synthese magistral, discorreu o acatado mestre sobre a chronica da Faculdade de Direito, o contributo com que tem concorrido para a civilização do paiz, realçou a significação da data 11 de Agosto, poz em evidencia a influencia que o Direito exerce na vida e desenvolvimento das sociedades, terminando por concitar a mocidade e cultivar sempre as tradições daquella casa.

Infelizmente o facto de s. exa. não ter escripto o seu brilhante discurso privamos do desejo de reproduzil-o nestas paginas.

* * *

Após a oração do illustrado professor, foi dada a palavra ao academico Edvar Carmilo, orador do *XI de Agosto*, que pronunciou um bellissimo discurso sobre a faustosa data.

Terminada essa patriotica solemnidade, que foi presidida pelo dr. José Luiz de Almeida Nogueira, director interino do Faculdade e secretariado pelo bacharel João Octaviano de Lima Pereira, presidente do *Centro*, os academicos dirigiram-se incorporados á praça da Republica, onde falou o academico Gustavo Bierrenbach Lima junto á herma de Alvares Azevedo, produzindo um eloquente improvisado enaltecendo o merito daquelle saudoso poeta.

* * *

Durante o dia os festejos revestiram-se de indizivel entusiasmo.

Ao meio-dia saiu da Faculdade de Direito um grande prestito, formado pelos alumnos da Faculdade, Escolas Polytechnica, Pharmacia, Odontologia, Normal, de todos os gymnasios e escola de Commercio Alvares Penteadado e Academia Practica de Commercio, dirigindo-se para o triangulo central. Foram saudadas então as diversas redacções dos jornaes, falando os seguintes oradores:

Genesio C. Pereira, no *S. Paulo*;
Olegario de Barros, na *Platêa*;
Eurico T. Leite, no *Estado*;
Oscar Tollens, no *Correio Paulistano*;
Melchiades Vilhena, no *Diario Popular*;
Rubens Noce, no *Fanfulla*; e Moacyr Piza, na *Gazeta*.

A ordem do prestito foi a seguinte:
Banda de musica Ettore Fieramosca: commissão do Centro Academico XI de Agosto; Es-

tandarte da Faculdade de Direito, alumnos incorporados, sendo porta-estandarte o presidente do Centro, João O. de Lima Pereira; Estandarte da Escola Polytechnica e alumnos; Estandarte da Escola de Pharmacia e comissão de estudantes; Estandarte da Escola de Commercio Alvares Penteado; comissão do Gremio Dois de Agosto; comissão do Gremio Quinze de Setembro; estandarte da Escola Normal; Estandarte do Gymnasio do Estado; Estandarte da Escola Complementar; Estandarte da Escola «Eduardo Vautier»; Estandarte e comissões dos gymnasios de S. Bento, Sciencias e Letras, Anglo-Brasileiro, Silvio de Almeida e Nogueira da Gama, houve depois uma sessão extraordinaria do «Centro» na sala XI de Agosto, falando por essa occasião o segundo orador do «Centro», academico Rangel de Camargo e o academico Leopoldo Costa, que saudou os alumnos das escolas, agradecendo-lhes o concurso que prestaram ás festas.

Após a passeata o academico Antonio Gonçalves Pereira Netto orou junto á estatua de José Bonifacio, fazendo num ca'oroso e eloquente discurso a apologia do grande brasileiro.

Falou tambem o academico Alvaro Teixeira Pinto, agradecendo em nome das escolas alli representadas e saudando a directoria do «Centro».

Depois da sessão, seguiram ás 2 horas e meia da tarde, os estudantes de todas as escolas para o Parque Antartica, onde se realisou um «garden-party» e um match de foot-ball, disputado entre dois teams: um da Faculdade e outro formado por estudantes da Escola Polytechnica, Pharmacia e Medicina.

Foi vencedor do match o team da Faculdade pcr 6 goals a 4.

Assim o «Centro XI de Agosto» commemorou condignamente essa data academica, para satisfacção de todos os brasileiros e para honra das nossas gloriosas tradições patrioticas.

SESSÃO DO CENTRO

Realisou-se a 27 de Junho, á uma hora da tarde, a assembléa ordinaria do «Centro Academico Onze de Agosto», relativa ao corrente mez, sob a presidencia do bacharelado João O. de Lima Pereira, secretariado pelos srs. Gustavo Bienrembach de Lima e Melchior Carneiro de Mendonça.

Aberta a sessão foi lida a acta da sessão anterior, de 31 de Maio ultimo, a qual foi approvada sem debate.

Na hora do expediente, o sr. presidente submetteu á consideração da casa varios papeis de interesse economico da associação, justificativos de despesas realisadas com serviços a cargo da secretaria do «Centro» e communicou que montou em 280\$000 liquidos o beneficio do theatro cinematographo Hig-life.

Em seguida foram lidos pelo primeiro secretario os seguintes papeis:

—Officio da comissão executiva da «Herma» ao dr. Celso Garcia convidando o «Centro» a tomar parte na cerimonia da inauguração da referida herma.—Inteirado.

—Officio do «Gremio dos Estudantes de Engenharia de Porto Alegre» communicando a eleição da sua nova directoria e congratulando-se com o «Centro Academico» por motivo da eleição e posso da actual directoria deste.—Inteirado.

—Proposta para a acceitação de novos socios, com parecer favoravel da comissão de syndicancaia.

Em virtude deste parecer e de accôrdo com o paragrapho terceiro, artigo 27 dos Estatutos, o sr. presidente, depois de obter a approvação unanime da assembléa, proclamou acceitos para socios do «Centro» os seguintes academicos: Fabio de Camargo Aranha, Luiz de Camargo Aranha, Antonio Pinheiro de Lacerda, Oswaldo Corrêa, Raul Uchôa, Frederico de Campos, Francisco Ferreira Novo, Waldomiro de Almeida Vergueiro, Dolor de Brito Franco, Joaquim Laranjeira da Silva, João José Rodrigues de Moraes Gastão de Almeida Pacca, Francisco Amarante, Sebastião José de Sousa, Sebastião Medeiros, Matheus Mattei, Paulo Sohn, João Pinto Ferreira, Bergman Borges e Francisco Giraldes Filho.

Finda a hora do expediente, pediu a palavra o academico Dulcino Costa, que solicitou a retirada da sua indicação de 31 de Maio ultimo sobre uma representação que a directoria do «Centro» deveria dirigir á Congregação da Faculdade, relativamente á applicação da Lei Organica do Ensino aos actuaes alumnos do primeiro anno. Este requerimento foi attendido.

Em seguida o academico João Franco de Godoy pronunciou um discurso justificando a seguinte indicação: o «Centro Academico Onze de Agosto» officie ao «leader» da maioria da Camara Federal, pedindo-lhe que se digne submeter á discussão naquella casa do Congresso um projecto de lei revogando o decreto que baniu a familia imperial do Brazil e autorizando o Poder Executivo a promover os meios necessarios afim de que sejam transportados para o nosso paiz os restos mortaes de D. Pedro II, que se acham em S. Vicente de Fóra. Sala das sessões do «Centro Academico Onze de Agosto», aos 27 de Julho de 1911. — João Franco de Godoy, Pedro Krahenbuhl, Deocleciano Vieira da Silva Lemos».

Julgada objecto de deliberação, esta indicação foi posta em discussão, falando varios oradores uns pró e outros contra. Afinal, submettida á votação foi ella approvada por maioria de votos, tendo tido seis votos contrarios. O academico Dolor de Brito Franco usou da palavra e pediu que ficasse consignado em acta o seu protesto contra a indicação.

Em seguida falou o academico Melchior Carneiro de Mendonça que, depois de relembrar a memoria de Carlos Villalva Junior, requereu ao sr. presidente que marcasse um dia no proximo mez de Agosto para a inauguração solene do retrato do saudoso bacharelado no «Centro Academico», retrato esse que foi offerecido pelos collegas do extincto os srs. Raul de Freitas e dr. Mucio Pompeu do Amaral.

Em seguida pediu a palavra o academico Gustavo Bierrembach de Lima, que referiu as dificuldades em que se encontra a comissão encarregada de angariar donativos para a ereção da herma em homenagem ao dr. Eduardo Prado.

Lembrou a necessidade imprescindível de se realizarem conferencias em beneficio desse louvavel «desideratum», tanto nesta capital como no interior do Estado, de onde já tem vindo adhesões a essa idéa. Falou, sobre o mesmo assumpto o academico Virgilio dos Santos Magano e o sr. presidente, usando de auctorização que lhe foi conferida anteriormente, accitou as indicações feitas pelo sr. Gustavo de Lima, declarando que, nesse sentido, a directoria iria providenciar, combinando varias medidas que serão por estes dias postas em pratica.

O sr. presidente communicou ainda que está aberta na secretaria do «Centro», a inscrição para aquelles que desejem fazer conferencias sobre assumptos juridicos e sociaes, do plano que tem em vista a directoria executar.

Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada ás tres horas da tarde.

HERMA EDUARDO PRADO

Conforme estava anunciado, realizou-se no salão do Conservatorio Dramatico, a 30 de Agos-

to findo, a conferencia litteraria promovida pelo «Centro Academico XI de Agosto» em beneficio da herma Eduardo Prado.

O conferencista, nosso talentoso collega Pedro Rodrigues de Almeida, dissertou brillantemente sobre o thema—O Coração—tendo por espaço de uma hora deleitado o selecto auditorio com a sua palavra encantadora.

Presidiu essa festa litteraria o professor ordinario da Faculdade de Direito, dr. Manoel Pedro Villaboim, por cuja gentileza agradecemos.

No proximo numero publicará a Revista a conferencia de Pedro Rodrigues de Almeida.

CONGRESSO DE GEOGRAPHIA

Seguiram para o Estado do Paraná como delegados do «Centro Academico XI de Agosto» no *Congresso de Geographia*, os academicos Gustavo Bierrenbach Lima e Pedro Rodrigues de Almeida.



